

TERRITÓRIOS DA MÚSICA EXTREMA:

A ATUAÇÃO DO COLETIVO METALPUNK OVERKILL NO UNDERGROUND BELO-HORIZONTINO ENTRE 2013 E 2023

Gleyber Eustáquio Calaça Silva¹

RESUMO

O presente artigo apresenta, a partir de um exercício exploratório, a contribuição do Coletivo Metalpunk Overkill para a articulação e mantimento territorial e material da música extrema belo-horizontina, a qual envolve as cenas Heavy Metal e Punk da capital mineira. Metodologicamente, usou da netnografia para o levantamento de cartazes de shows que indicassem onde ocorrem os eventos do referido coletivo, valendo-se ainda da coleta de outras informações de relevo, como registros dos shows. Viu-se que a organização dos eventos insere-se no movimento de desterritorialização e reterritorialização de ambas as cenas, fortalecendo práticas musicais que constituem verdadeiros territórios sonoros, os quais reverberam na forma como seus adeptos interpretam o mundo.

Palavras-chave: Território, Cena, Underground, Heavy Metal, Punk.

RESUMEN

Este artículo presenta, a partir de un ejercicio exploratorio, la contribución del Coletivo Metalpunk Overkill a la articulación y mantenimiento territorial y material de la música extrema en Belo Horizonte, que involucra las escenas Heavy Metal y Punk de la capital de Minas Gerais. Metodológicamente se utilizó la netnografía para recolectar carteles de conciertos que indicaban dónde ocurren los eventos del citado colectivo, utilizándose también la recolección de otra información relevante, como registros de los espectáculos. Se vio que la organización de los eventos se enmarca en el movimiento de desterritorialización y reterritorialización de ambas escenas, fortaleciendo prácticas musicales que constituyen verdaderos territorios sonoros, que reverberan en la forma en que sus seguidores interpretan el mundo.

Palabras clave: Territorio, Escena, Underground, Heavy Metal, Punk.

INTRODUÇÃO²

Entende-se por underground as práticas sociais organizadas às margens das instâncias de gestão e controle moral da cidade, elaborando seus próprios códigos de conduta e trajetórias

¹ Doutorando pelo PPG em Geografia -Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista CAPES. Membro do Grupo Transdisciplinar de Pesquisa e Extensão em práticas culturais do Heavy Metal. E-mail: gleyber3001@gmail.com.

² Esta pesquisa é fruto da tese de doutorado em curso do seu respectivo autor. Na edição passada do ENANPEGE (2021) foi apresentado neste GT o que consistia no projeto de pesquisa do doutoramento, inicialmente voltado às implicações cibernéticas na cena headbanger belo-horizontina na última década. Ao longo da pesquisa, viu-se que os shows musicais são o que há de mais significativo no mantimento territorial da cena, então o projeto foi reorganizado em vistas de compreender, em um exercício multiescalar, a importância dos eventos de Heavy Metal na disposição territorial e paisagística da cena local. Assim, este artigo discute um pequeno recorte dos resultados dessa nova empreitada de pesquisa, onde a dimensão digital tornou-se apenas mais um elemento na compreensão das práticas culturais enredadas nos shows.

de circulação, estabelecendo uma rede territorial (CALAÇA, 2023, p. 24). No espectro musical, a ativa construção de territórios acaba por materializar verdadeiras cenas musicais, conceito o qual Straw (2006, p. 7) sintetiza como “específicos espaços geográficos para a articulação de múltiplas práticas musicais”. Dentre as práticas de maior relevo para a (r)existência no underground estão os shows, eventos que aglutinam diversos atores sociais da cena musical (e.g.: adeptos, músicos, produtores artísticos, mídia especializada) em prol do consumo presencial da música, de preferência de cunho autoral. São estabelecidas assim uma série de trocas entre os sujeitos ali presentes, que conforme lembra Campoy (2022, p. 219), tratando os shows da música extrema como eventos ritualísticos desta cultura, possibilitam “os encontros com amigos, as trocas de gravações e outros materiais, as bebidas, danças e, claro, a música ao vivo e encenada no palco”, onde o show implica na corporeidade.

Desta forma, o presente trabalho pretende se ater a uma organização específica na realização de shows dos gêneros Heavy Metal e Punk na cidade de Belo Horizonte, logrando investigar, a partir de um exercício exploratório, a contribuição do Coletivo Metalpunk Overkill para a articulação e mantimento territorial e material da música extrema belo-horizontina. Tem-se, portanto, uma rica interseção destas duas culturas, passível de interpretação a partir das noções de território, multiterritorialização, território rede e território sonoro.

No transcurso da história, punks e headbangers (o adepto do Heavy Metal) derivam de um mesmo contexto socioespacial em sua gênese no decorrer dos anos 1960 e 1970, recebendo contornos sonoros e comportamentais mais explícitos em “bairros suburbanos da Inglaterra - Reino Unido que aglutinavam as classes menos abastadas, normalmente em áreas fabris, minerárias e com resquícios da Segunda Guerra Mundial” (CALAÇA, 2021, p. 56). Paulatinamente, cada um destes expoentes da contracultura urbana e da contestação política firmaram-se com subgêneros próprios, distanciando-se do âmago do que era definido como “rock pesado”, espalhando-se por outros países e formando cenas musicais locais.

Em Belo Horizonte, desde os anos 1980, ainda perante o contexto da Ditadura Militar, vê-se a relação de punks e headbangers, sendo culturas que ganharam adeptos na capital mineira e deram origem a bandas locais quase que concomitantemente. Nesta época, ressalta-se o relevo de um ponto específico da cidade, a loja/selo Cogumelo Records, responsável pela gravação dos jovens grupos de música extrema, dentre eles, no Heavy Metal: Overdose e Sepultura inaugurando os primeiros lançamentos do selo, em um *split* álbum, seguidos por Holocausto, Mutilator, Sarcófago, Chakal, dentre outros. E no Punk: Ratos de Porão (SP), seguido por Offensor e Atack Epiléptico também em um *split* álbum.

Porém, se a porta da loja Cogumelo era um ponto de convergência do Metal e do Punk, a maioria dos outros locais de convívio eram dissonantes devido a atritos entre os grupos. Coelho (2020, p. 103), mostra que punks concentravam-se na Praça Afonso Arinos - bairro Centro, enquanto headbangers, revelam Calaça, Nascimento e Diniz (2018), reuniam-se principalmente em bares da Savassi. O choque entre os grupos era latente, sobretudo a partir do surgimento de expoentes *skinheads* (cabeças-raspadas) dentro do Punk, chamados na cidade de “*carecas*”. Já ao longo dos anos 2000 o convívio entre os grupos ficou mais amistoso e cooperativo, inclusive com iniciativas de shows e gravações em parceria ocorrendo de forma assídua, à exemplo da coletânea “*BH Caos*” (2014). Neste cenário mais permissível, pretende-se analisar o construto territorial do Coletivo Metalpunk Overkill, fundado em 2013 por Gabriel Herege com a colaboração de parceiros locais, em atividade desde então.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa conta com três etapas mais significativas em sua construção. Inicialmente, parte-se de uma revisão bibliográfica sobre conceitos derivativos da abordagem territorial na Geografia, aliando-se à Geografia Cultural em sua vertente musical. Em caráter mais verticalizado, são revisitadas obras que versam sobre os punks e headbangers belo-horizontinos para a caracterização histórica do fenômeno estudado. A segunda fase da pesquisa, de cunho investigativo e exploratório, buscou fazer um registro documental dos cartazes de eventos promovidos pelo Coletivo Metalpunk Overkill, tendo como foco o acesso às redes sociais com atuação do coletivo (*Facebook* e *Instagram*). A este tipo de busca dá-se o nome de netnografia, termo empregado para acepções etnográficas em meio digital, entendendo que “para compreender a sociedade é preciso seguir as atividades sociais e interações das pessoas na internet e por outros meios de comunicação mediados pela tecnologia” (KOZINETS, 2014, p. 9). Dentre as possibilidades elencadas por Kozinets (2014) na aplicação da netnografia, a que mais vai de encontro às pretensões da pesquisa é o levantamento de informações, considerando que uma das principais estratégias contemporâneas de anúncio de shows é o convite externado em redes sociais.

O tratamento dos cartazes enquanto fonte documental, material, meio de comunicação e memória é aqui parametrizado por Medeiros e Nogueira (2013, p. 329). Assim, a terceira e última etapa da pesquisa consiste na confecção de produtos derivativos da pesquisa documental, havendo, em sua maioria, compilações dos cartazes em uma mesma figura, permitindo a criação

de narrativas do desenvolvimento do coletivo e a sua relação com a cidade. A data final do levantamento netnográfico foi maio de 2023, mas o coletivo segue promovendo eventos na cidade. O principal produto da pesquisa se trata de um mapa com todos os locais de shows identificados na catalogação, onde cada endereço dos eventos foi georreferenciado junto ao *Google My Maps* e seus respectivos arquivos KML (*Keyhole Markup Language*) foram trabalhados em um mesmo *layout* cartográfico no *software Arcmap 10.4*, viabilizando a análise dos territórios de música extrema.

ALGUMAS DIMENSÕES DO TERRITÓRIO

Este trabalho integra a Geografia da Música, tentáculo da Geografia Cultural que assume haver um forte laço comunicativo entre Geografia e música a partir das práticas realizadas espaço-sonoramente (DOZENA, 2016, p. 8). Dialogando com o firmamento material da cena, compreendida como categoria, está o território cultural, que conforme Haesbaert (2021, p. 40), “é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”. Assim, a partir de preferências musicais individuais, porém, compartilhadas coletivamente (TORRES e KOZEL, 2010, p. 127), entende-se que a música pode ser fator de coesão e moldar a territorialidade grupal, que projetada no espaço irá reluzir o território. A escala do território pensada para o presente estudo é intra-urbana, aproximando-se do que Heidrich (2013) entende como microterritorialidade, desenvolvida no cotidiano de disputas pelo uso do espaço urbano.

Assume-se ainda a acepção de Haesbaert (2021) quanto a estarmos frente à multiterritorialidades, onde há um *continuum* processo de desterritorialização - quando determinado espaço é desocupado, seja por pressões externas ou decisões internas - e reterritorialização, quando a atividade desterritorializada é mantida em um novo local, preservando a ativa construção de territórios, algo pensado musicalmente por Fuini (2014, p. 106-107). Também mostra-se relevante, neste contexto, o território rede, exprimindo territórios descontínuos espacialmente, entretanto, que conectam-se em suas funções (a estruturação de equipamentos locais da cena, ou aproximações entre cenas) ou a partir de seu vínculo com dispositivos globais (como as culturas mundializadas do Heavy Metal e do Punk). A rede, portanto, ressalta o dinamismo do território, seu movimento e suas perspectivas de conexão (HAESBAERT, 2021, p. 286-287).

Tem-se, articulando as dimensões territoriais descritas com a música, o território sonoro, vivenciado pela expressão da corporeidade que permite criar subjetivações que se “reproduzem nas músicas, nas melodias, nos ritmos, nas danças, nas letras e nas harmonias” (DOZENA, 2016, p. 373). Dentre as possibilidades territoriais sonoras de grupos “objeto da transgressão e da ousadia, da manifestação daquilo que não é norma, do que é visto como desvio” (HEIDRICH, 2013, p. 85), estão os headbangers e punks, como pode ser visto na pesquisa de Calaça (2021) e Turra Neto (2001) analisando o construto territorial destas culturas.

Julga-se que o momento mais emblemático para os adeptos destes grupos seja aquele experienciado nos shows, onde a luta pelo underground e seu modo peculiar de se fazer música ganham realidade corpórea, ao passo que “constroem suas honras e fúrias, isto é, suas ontologias, seus estofos morais, enfim, quem eles querem ser”, fazendo com que a “música plena de evocações de ódio, raiva, dor e morte crie amizades, criticidade e até mesmo esperanças em um mundo menos falso” (CAMPOY, 2022, p. 220), onde o evento musical torna-se ritualístico. Com estes preceitos, os territórios do Metalpunk Overkill são analisados adiante.

OS TERRITÓRIOS DA MÚSICA EXTREMA DO METALPUNK OVERKILL

Nota-se, desde a gênese do Metalpunk Overkill (MPO), o intento de dar movimento à cultura musical, abrigando várias manifestações artísticas do underground belo-horizontino, com a música sendo catalisadora de uma afirmação estética e identitária, conforme mostram Tosta e Diniz (2020) no livro “*Territórios de Cultura*”.

Evento produzido de forma underground e autogerida, tem como diferencial não buscar lucro, mas, sim, proliferar barulho e atitude política. (...) A relação do coletivo Metalpunk Overkill com a educação se faz na cidade: a diversidade da cena musical underground é acolhida, entrelaçando o Punk e o Heavy Metal com culturas locais de diversas cidades pela apresentação de bandas do nordeste, do exterior, de vários lugares, ou mesmo de Belo Horizonte. A cena musical do coletivo abrange também outras manifestações artísticas, entre exposições de pinturas, fanzines, poesias marginais, vestimentas, demos e outros. Portanto, a arte é divulgada pelo coletivo como forma de educação estética e também política, desde as letras das músicas, performances no palco, criação de figurinos por cada sujeito ali envolvido, trazendo, assim, o movimento artístico engajado na política, reforçando as subjetividades sob diversas formas de contestação do que está posto no mundo contemporâneo. (TOSTA e DINIZ, 2020, p. 62)

Desde 2013 o coletivo realizou eventos em diferentes locais, dialeticamente produzindo o território sonoro das cenas Heavy Metal e Punk. Ao todo, foram catalogados dez locais diferentes na realização dos shows, assentados em sua maioria no Hipercentro de BH e suas cercanias imediatas, convertidos em espaços territorializados pelo underground como mostra o

mapa da figura 1. A transitoriedade dos locais de realização dos shows revela-se como exemplo nítido da desterritorialização e reterritorialização dos eventos de ambas as cenas, que perenemente mudam seu local de referência, mas asseguram o mantimento da música ao vivo.

A atitude política propagada nos eventos é de crítica ao *status quo*, onde propagam-se discursos de inconformismo a partir da música, muitas vezes acompanhada de um viés anárquico e, certamente, sempre antifascista. O modo como isto acontece é permeado de simbolismos de uma ecologia infernal (BARCHI, 2017), onde, ao invés de proferir um discurso de fraternidade, paz e harmonia dentre os seres humanos, cada vez mais difícil de divisar com os conflitos em curso (*e.g.*: Israel x Palestina; Rússia x Ucrânia), o evento logra o caminho oposto: escancarar as mazelas e fragilidades do mundo, em uma estética indumentária (vestimentas) e dos cartazes de shows que propagam paisagens de conflito e destruição, sobretudo nuclear. A música extrema, no sentido de uma sonoridade desempenhada de forma visceral mesclando os subgêneros mais “pesados” do Heavy Metal e Punk, é reflexo do caos, da obscuridade e do risco de extinção que acredita-se que estamos rumando.

As bandas que compõem o *line-up* dos eventos são em sua maioria da própria Região Metropolitana de Belo Horizonte, mas há sempre a presença de algum grupo de relevo do underground nacional ou até mesmo internacional, tecendo redes entre cenas de todo o mundo. O festival que inaugurou a trajetória do coletivo ocorreu no *Maquinário Rock Bar*, na Regional Noroeste em 2013. Várias das edições posteriores deram-se no *Mercado das Borboletas*, no Hipercentro, local que hoje não abriga tantos eventos do underground, dado o processo de gentrificação observado por lá. Um dos momentos mais icônicos deu-se na edição VI em 2014, quando a sede que abrigou o evento foi um prédio que notabiliza-se como prostíbulo no Hipercentro da cidade, o bar do *Hotel Diamante*, na área de influência da boêmia *Rua Guaicurus*, nas imediações da rodoviária. A percepção sobre o referido evento é disposta adiante, a partir do olhar de uma pesquisadora das cenas Heavy Metal e Punk, Patrícia Coelho, angariada no *blog “Festivalando”*, mostrando como estas duas culturas dialogaram com outro grupo social marginalizado. Os cartazes das primeiras edições estão compilados na figura 2.

Mais do que um encontro de parte da cena underground de Belo Horizonte, a sexta edição do Metalpunk Overkill que aconteceu no Hotel Diamante, na Avenida Santos Dumont, foi um encontro entre sujeitos e lugares subjugados. Parece clichê falar assim de um festival cujos principais estilos são o heavy metal e o punk. Mas não é quando algo incomum acontece: esse grupo se depara com outra realidade de exclusão, outros sujeitos e espaços ignorados às vezes até por eles mesmos, no meio da mesma cidade. (...) Você já imaginou como pode ser um festival que acontece num bar de um hotel que é usado pelos profissionais do sexo, um prostíbulo na zona boêmia da capital mineira? Travestis, prostitutas, um em cada degrau da longa escada que nos leva até

o bar do hotel Diamante. (...) Os travestis e prostitutas estavam ali a trabalho. Como o público do metal e punk é predominantemente masculino, é desnecessário dizer que não faltaram investidas desses profissionais em busca de potenciais clientes. Mas o que se torna muito necessário dizer é que o público reagiu com respeito. Não presenciei demonstrações de machismo ou preconceito. Muito pelo contrário, as pessoas estavam ali interessadas na música e, de alguma forma, depois acabaram acolhendo toda aquela novidade em forma de pessoas para dentro da festividade que marcava mais um encontro do underground. (COELHO, 2014, s/p.)

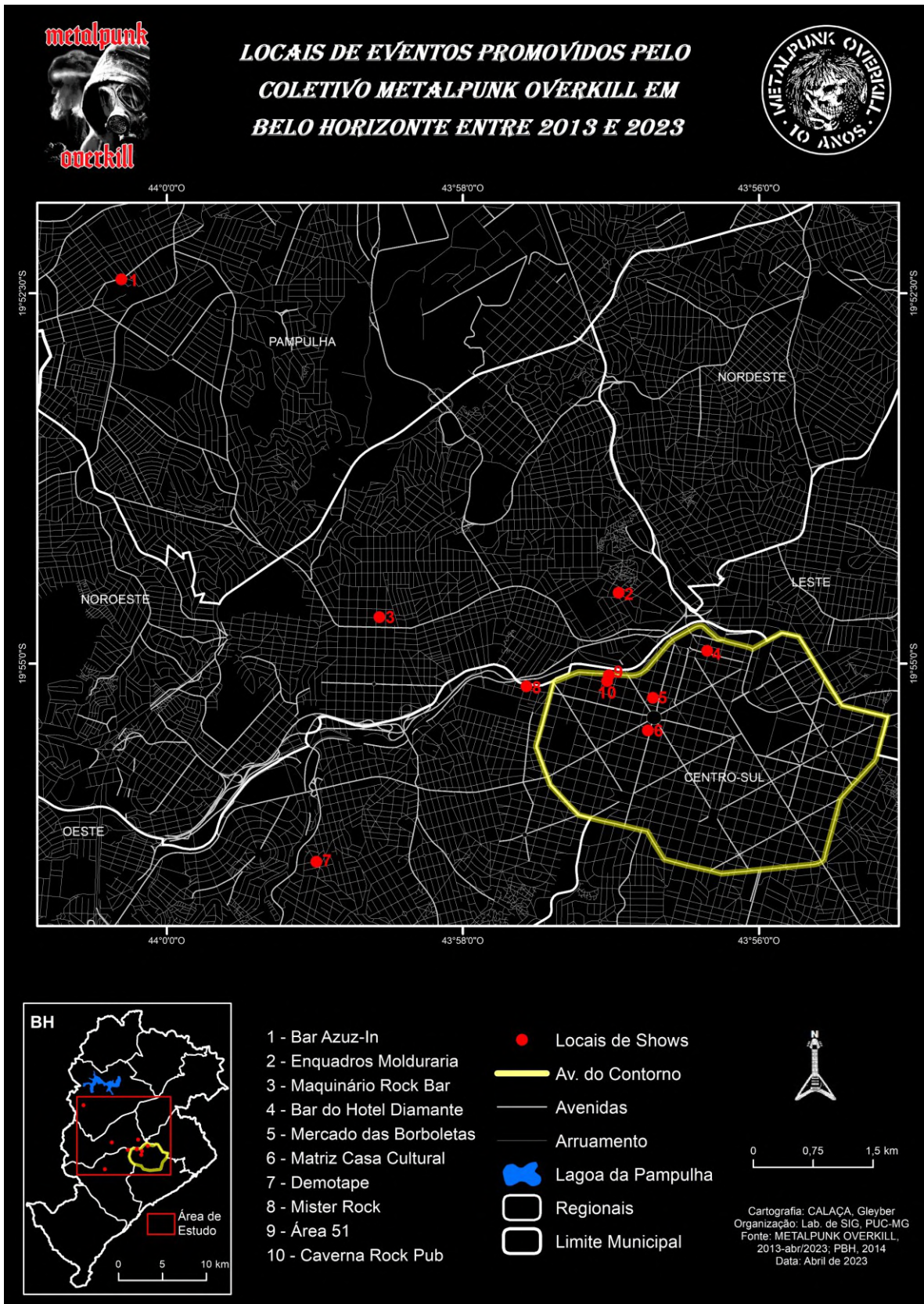
Também houveram eventos na *Enquadros Molduraria* nas proximidades do emblemático *Cemitério do Bonfim*, que por sua vez é um local tipicamente utilizado para compor capas de discos e encartes fotográficos das bandas da cidade, valendo-se de sua paisagem lúgubre. No *Azuz In Rock Bar* na Regional Pampulha ocorreram os eventos mais distantes do Centro da capital, em uma casa que recebeu durante alguns anos os expoentes mais extremos da música belo-horizontina. Antes de 2020 tinha-se, contudo, o *Matriz Casa Cultural* como principal logradouro para a realização de shows, reduto de várias culturas urbanas de BH. A casa acabou encerrando suas atividades no complexo arquitetônico JK devido às intercorrências da pandemia de COVID-19, reabrindo em novo endereço. Estes eventos, sobretudo no ano de 2015 até o presente, ganharam tamanha notoriedade nas cenas e firmaram-se com tanta assiduidade que pararam de ser numerados, como pode ser constatado na figura 3.

Após o hiato de dois anos devido à pandemia de COVID-19, os shows foram retomados no *Demotape* e no *Mister Rock* na porção Oeste da cidade, acompanhados de iniciativas no *Caverna Rock Pub* e no *Área 51* no perímetro central, novos redutos do rock como um todo que estão cada vez mais presentes no cotidiano musical da cidade (figura 4). Ressalta-se que houveram festivais *online* de outros coletivos e hordas, porém, não foi objetivo do Metalpunk Overkill transmutar seus eventos para o formato virtual emergencial, talvez pelo intento educacional estético e político que se realiza primordialmente no contato presencial.

Os eventos do Coletivo Metalpunk Overkill não se restringem à dimensão sonora, dando espaço para outras manifestações artísticas integrantes do universo da música extrema, sempre com a curadoria de lançamento de livros, exposições de fotografias e telas, divulgação de fanzines e bancas para venda e troca de camisetas, *patch's*, vinis e *CD's*. Assim, além de promover a socialização dos seus signatários, o MPO age como importante dispositivo de manutenção de práticas musicais que vem sendo desterritorializadas na cidade, principalmente no fechamento de lojas de artigos relacionados aos gêneros, sendo os shows uma oportunidade de fortalecimento da rede territorial e seus múltiplos atores sociais. Isto fica evidente tanto nas convocações de expositores da figura 4, quanto na concretude destas relações desempenhadas no ato dos shows, como visto nas banquinhas de artigos diversos da figura 5.



Figura 1: Mapa dos locais de eventos promovidos pelo Coletivo MPO em Belo Horizonte entre 2013 e 2023



Fonte: Redes sociais do MPO, 2013:2023. Elaboração do autor, 2023.



Figura 2: Cartazes das primeiras edições do MPO





Figura 3: Cartazes de eventos não numerados do MPO





Figura 4: Edições do MPO pós-pandemia e convocações para expositores

Edições pós-pandemia e chamadas para exposições

Demotape	Demotape	Mister Rock
<p style="text-align: center;">metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">THE END IS NEAR</p> <p style="text-align: center;">COM AS BANDA:</p> <p style="text-align: center;">WARRUST NEGATIVE CRUST ATTACK - ES</p> <p style="text-align: center;">FUGELAPOR THRASH EXECUTIONER - SP</p> <p style="text-align: center;">DISSÉSSES DEATH METAL - BH</p> <p style="text-align: center;">VALTAR CRUDE SPEED METALPUNK - SP/DF</p> <p style="text-align: center;">PRIMITIVE BARBARIC BLACK/SPEED METAL - SP/DF</p> <p style="text-align: center;">GRAVESANDER BLACK SPEED RIFFING METAL - SP</p> <p style="text-align: center;">7 DE MAIO DE 2022 • SÁBADO • 14H</p> <p style="text-align: center;">DEMOTAPE • RUA BATISTA CARNEIRO, 140 R\$ 30 ANTECIPADO SALGADO FILHO • BELO HORIZONTE - MG R\$ 40 NA PORTA</p> <hr/> <p style="text-align: center;">feira metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">Exposição, venda e troca de materiais alternativos Camisetas, Discos, Fluros, Fanzines e mais...</p> <p style="text-align: center;">Expositores interessados em participar, favor entrar em contato inbox</p> <p style="text-align: center;">vagas limitadas devido ao espaço físico</p> <p style="text-align: center;">07 de maio de 2022</p> <p style="text-align: center;">Demotape Rua Batista Carneiro, 140 Salgado Filho BH</p>	<p style="text-align: center;">metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">Cabeira Velha Produções</p> <p style="text-align: center;">APRESENTAM:</p> <p style="text-align: center;">WITCHHAX BLACKTHRASH • COLÔMBIA</p> <p style="text-align: center;">C.A.L. OLD DEATH • BH</p> <p style="text-align: center;">ORCA METALPUNK • SP</p> <p style="text-align: center;">1 DE OUTUBRO DE 2022 • SÁBADO • 14H</p> <p style="text-align: center;">DEMOTAPE • RUA BATISTA CARNEIRO, 140 R\$ 40 ANTECIPADO SALGADO FILHO • BELO HORIZONTE - MG R\$ 50 NA PORTA</p> <hr/> <p style="text-align: center;">01 DE OUTUBRO DE 2022 • 14 H</p> <p style="text-align: center;">feira metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">Exposição, venda e troca de materiais alternativos Camisetas, Discos, Fluros, Fanzines e mais...</p> <p style="text-align: center;">EXPOSITORES INTERESSADOS EM PARTICIPAR, FAVOR ENTRAR EM CONTATO INBOX</p> <p style="text-align: center;">VAGAS LIMITADAS DEVIDO AO ESPAÇO FÍSICO</p> <p style="text-align: center;">DEMOTAPE • RUA BATISTA CARNEIRO, 140 • SALGADO FILHO • BH</p>	<p style="text-align: center;">Cabeira Velha Produções</p> <p style="text-align: center;">metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">APRESENTAM</p> <p style="text-align: center;">SOZOLADUX (EU)</p> <p style="text-align: center;">AMUL (SUÉCIA)</p> <p style="text-align: center;">FUGELAPOR (RJ)</p> <p style="text-align: center;">ANTROGORE (SP)</p> <p style="text-align: center;">Chronic Ashes (BH)</p> <p style="text-align: center;">27 DE OUTUBRO DE 2022 • QUINTA-FEIRA • 17H</p> <p style="text-align: center;">MISTER ROCK • AV. TERESA CRISTINA, 295 • PRADO - BH</p> <p style="text-align: center;">APOIO: [Logos]</p> <hr/> <p style="text-align: center;">ATENÇÃO, MANÍACOS!</p> <p style="text-align: center;">OS ALIMENTOS ARRECADADOS NAS VENDAS DO INGRESSO PROMOCIONAL, MEIA-ENTRADA E NA PORTA, SERÃO DESTINADOS À OCUPAÇÃO NASC INUIZIVEI, QUE COMPLETA 9 ANOS DE RESISTÊNCIA EM BELO HORIZONTE!</p> <p style="text-align: center;">SOLIDARIEDADE E COLABORAÇÃO FORTALECEM O UNDERGROUND!</p> <p style="text-align: center;">27 DE OUTUBRO DE 2022 - 17 H</p> <p style="text-align: center;">MISTER ROCK AV. TERESA CRISTINA, 295 - BH / MG</p>
<p style="text-align: center;">Área 51</p> <p style="text-align: center;">metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">A FINE DAY TO DIE</p> <p style="text-align: center;">R\$ 35 ANTECIPADO (DISCOTA NA PORTA) R\$ 45 NA PORTA (MANTENDO O PREÇO)</p> <p style="text-align: center;">19 DE NOVEMBRO DE 2022 • SÁBADO • 16H</p> <p style="text-align: center;">ÁREA 51 • AV. DO CONTORNO, 10.604 • BARRO PRETO, BH 5 MG</p> <hr/> <p style="text-align: center;">FEIRA METALPUNK OVERKILL</p> <p style="text-align: center;">Exposição, venda e troca de materiais alternativos, camisetas, discos, livros, fanzines e mais.</p> <p style="text-align: center;">Expositores interessados em participar favor entrar em contato inbox.</p> <p style="text-align: center;">6 SHOWS + LATER COM DISCOTECA NA TORTA PÓS-PUNK COM DJ LUCAS CHAVO</p> <p style="text-align: center;">19 DE NOV. 2022 a partir das 16h</p> <p style="text-align: center;">ÁREA 51 - BARRO PRETO AV. DO CONTORNO, 10.604 BELO HORIZONTE - MG</p>	<p style="text-align: center;">Caverna Rock Pub</p> <p style="text-align: center;">metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">apresenta</p> <p style="text-align: center;">CAUSTICO BLACK METAL - RJ</p> <p style="text-align: center;">KAOS ATTACK METALPUNK - SP</p> <p style="text-align: center;">14 DE JANEIRO DE 2023 16H</p> <p style="text-align: center;">R\$ 40 ANTECIPADO R\$ 50 NA PORTARIA</p> <p style="text-align: center;">CAVERNA R. DOS TUPIAS, 1448 - BARRO PRETO, BH</p> <hr/> <p style="text-align: center;">feira metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">Exposição, venda e troca de materiais alternativos, camisetas, discos, livros, fanzines e mais.</p> <p style="text-align: center;">Expositores interessados em participar, favor entrar em contato inbox.</p> <p style="text-align: center;">6 SHOWS + DISCOTECA NA TORTA PÓS-PUNK COM DJ FERNANDA KAH</p> <p style="text-align: center;">14 DE JANEIRO DE 2023 16H</p> <p style="text-align: center;">R\$ 40 ANTECIPADO R\$ 50 NA PORTARIA</p> <p style="text-align: center;">CAVERNA R. DOS TUPIAS, 1448 - BARRO PRETO, BH</p>	<p style="text-align: center;">Área 51</p> <p style="text-align: center;">metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">apresenta</p> <p style="text-align: center;">PERFECT KADET POST-PUNK METAL - RJ</p> <p style="text-align: center;">RÖTTUS POST-PUNK METAL - RJ</p> <p style="text-align: center;">Judas Christ! POST-PUNK METAL - RJ</p> <p style="text-align: center;">21 DE ABRIL DE 2023 - 16H</p> <p style="text-align: center;">LOTE 1: R\$ 50 LOTE 2: R\$ 70 PORTARIA: R\$ 80</p> <p style="text-align: center;">ÁREA 51 - AV. DO CONTORNO, 10.604 - BARRO PRETO, BH/MG</p> <hr/> <p style="text-align: center;">feira metalpunk overkill</p> <p style="text-align: center;">VENDA E TROCA DE MATERIAIS ALTERNATIVOS, CAMISETAS, DISCOS, LIVROS, FANZINES E MAIS.</p> <p style="text-align: center;">EXPOSITORES INTERESSADOS EM PARTICIPAR, FAVOR ENTRAR EM CONTATO INBOX.</p> <p style="text-align: center;">7 SHOWS + DISCOTECA NA TORTA PÓS-PUNK COM DJ GLAUKUSH!</p> <p style="text-align: center;">21 DE ABRIL DE 2023 - 16H</p> <p style="text-align: center;">LOTE 1: R\$ 50 LOTE 2: R\$ 70 PORTARIA: R\$ 80</p> <p style="text-align: center;">ÁREA 51 - AV. DO CONTORNO, 10.604 - BARRO PRETO, BH/MG</p>



Figura 5: Bancas de artefatos diversos expostos, distribuídos ou comercializados em edições do MPO



Fonte: Redes sociais do MPO³, 2013:2023. Organização do autor, 2023.

³ Para o ver o canal no Youtube: <https://www.youtube.com/@metalpunkoverkill1303>. Facebook: <https://www.facebook.com/metalpunkoverkill/>. Instagram: <https://www.instagram.com/metalpunkoverkill/>.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viu-se que o Coletivo Metalpunk Overkill logra reunir headbangers e punks em exímias celebrações da música extrema, efetuando um hibridismo cultural destes grupos. Os eventos, organizados em diferentes locais de shows, contribuem para o exercício multiterritorial das cenas, servindo como interseção entre elas, com um padrão espacial que parte do Hipercentro de Belo Horizonte, mas, também, chega em outras regionais da capital mineira. Há ainda a existência territorial em rede, seja entre os locais de shows, envolvendo diversos parceiros na composição dos eventos, ou no diálogo com outras cenas, com participação, inclusive, de bandas estrangeiras. O registro material dos cartazes integra a própria territorialidade do Coletivo Metalpunk Overkill, repercutindo cenários de desolação, brutalidade, guerra, profanação e caos. Estas características, replicadas em termos performáticos na ocasião dos rituais sonoros, desenvolvem a educação estética, identitária e política pretendida por seus organizadores, onde aprende-se o que é ser headbanger e o que é ser punk, congregando amistosamente estes grupos coirmãos. Tem-se então atos locais de rebeldia, fortificando territórios sonoros, em forma de protesto aos dispositivos globais de controle moral e geopolítico. O MPO firma-se, assim, como movimento disruptivo de discursos alienados no universo da música extrema.

REFERÊNCIAS

BARCHI, Rodrigo. Educações inversas e ecologias infernais: experiências para pensar as educações ambientais a partir dos contos de horror do Heavy Metal de King Diamond.

REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 34, n. 1, p. 311-329, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6786>. Acesso em: jul. 2023.

BH CAOS. [Vários artistas]. Belo Horizonte: Sinfonoise Distro Records, 2014. 2 CD's.

CALAÇA, Gleyber. Headbangers em cartaz: geovisualizando os territórios de shows e a semiótica dos flyers da cena Heavy Metal de Belo Horizonte nos anos 1980 e 1990. **Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 01, p. 22-48, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/6276>. Acesso em: jun. 2023.



CALAÇA, Gleyber; NASCIMENTO, Leonardo; DINIZ, Alexandre. Na trilha do metal: a construção de territorialidades das bandas de Heavy Metal em Belo Horizonte nos anos 1980. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 28, n. 54, p. 650-673, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/17939>. Acesso em: jun. 2022.

CALAÇA, Gleyber. **Na trilha do Metal**: a construção de territorialidades das bandas de heavy metal de Belo Horizonte nos anos 1990 e 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia), PPG em Geografia da PUC Minas, Belo Horizonte, 2021. 232 p.

CAMPOY, Leonardo. As revelações da escuridão: o show no underground do heavy metal extremo como um ritual. In.: BAHÍ, Cristiane; DOS PASSOS, Cristiano; KHALIL, Lucas; BARCHI, Rodrigo. **Música extrema**: ruídos, imagens e sentidos. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. 416 p.

COELHO, Patrícia. **As identidades dos sujeitos da cena underground heavy metal e punk de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado em em Estudos de Linguagens). PPG em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, Belo Horizonte, 2020. 209 p.

COELHO, Patrícia. Metalpunk Overkill: o encontro entre os Invisíveis. In: **Blog FESTIVALANDO**. 2014. Disponível em: <https://festivalando.com.br/metalpunkoverkill-o-encontro-entre-os-invisiveis/>. Acesso em: 07 abr. 2023.

DOZENA, Alessandro. O papel da corporeidade na mediação entre a música e o território. In: DOZENA, Alessandro. (org). **Geografia e Música**: Diálogos. Ed. 1. Natal: EDUFRRN, 2016. p. 372-398.

DOZENA, Alessandro. (org). **Geografia e Música**: Diálogos. Ed. 1. Natal: EDUFRRN, 2016. 399 p.

FUINI, Lucas. Territórios e territorialidades da música: uma representação de cotidianos e lugares. **GEOUSP - Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 97-112, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/81083/84729>. Acesso em: out. 2023.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. 396 p.

HEIDRICH, Álvaro. Compartilhamento e microterritorialidades do espaço social metropolitano. **Revista Cidades**, Chapecó, v. 10, n. 17, p. 76-106, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12018>. Acesso em: out. 2023.

MEDEIROS, Daniel; NOGUEIRA, Isabel. Ecos do underground: iconografia, memória e identidade de uma cena rock no extremo Sul do Brasil. In.: **Anais do II Congresso Brasileiro de Iconografia Musical**, Salvador, 2013, p. 328-347.

STRAW, Will. Scenes and Sensibilities. **E-Compós**: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.6, p. 1-16, 2006. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/83>. Acesso em: mar. 2023.



TORRES, Marcos; KOZEL, Salete. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **Revista RA'EGA**, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/20616>. Acesso em jun. 2023.

TOSTA, Sandra; DINIZ, Alexandre. **Territórios de Cultura**: educação, arte e tecnologia na cidade de Belo Horizonte MG/Brasil. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. 95 p.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado, mas ainda vivo!**: identidade punk e território em Londrina. Dissertação (Mestrado em Geografia), PPG em Geografia da UNESP, Presidente Prudente, 2001. 246 p.